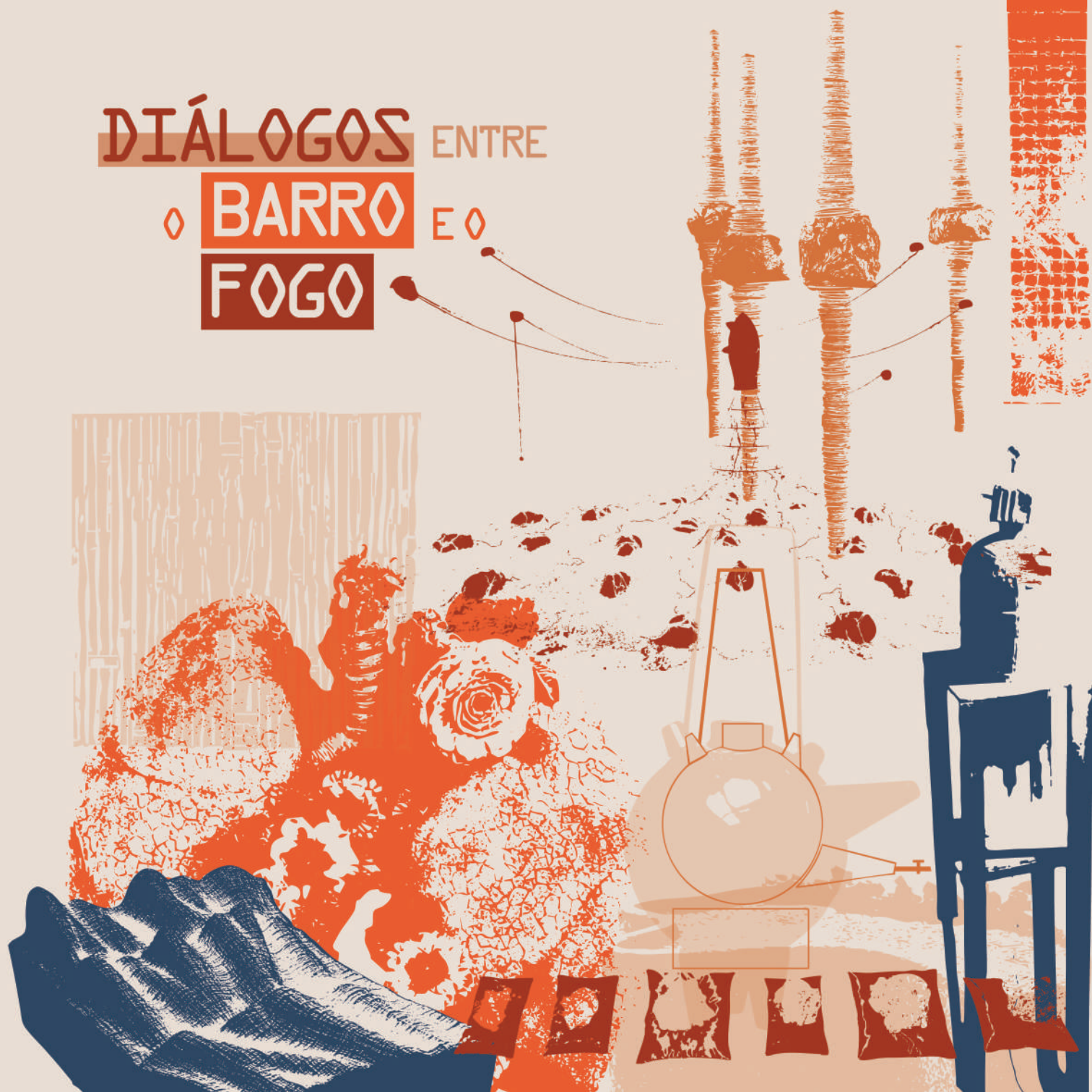


DIÁLOGOS ENTRE

◊ BARRO ◊ E ◊

FOGO



ANA + BETÂNIA

CARLOS ENXUTO

HEITOR FIGUEIREDO

JOÃO CARQUEIJEIRO

SOFIA BEÇA

STELA IVANOVA

XANA MONTEIRO

YOLA VALE

SALA DA CAPELA
MUSEU DE OLARIA
2025

ANA + BETÂNIA

The work of the duo formed by Ana Cruz and Maria de Betânia (1983) provokes multiple interpretations. The direct appeal to technique – this mastery of the art of ceramics in its most artisanal dimension (that which sustains the classic decorative object as a product of objective practical knowledge, evoked here with unquestionable irony) - allows it to be reborn, redeemed in works of pure perversity: horror as a flowery centrepiece. Decorative ceramics take on a new meaning, becoming politically relevant, and their links to craftsmanship - the meticulous modelling of thousands of small petals and stamens - traditionally delegated to women, emerge with renewed vigour.

The idea of nature emerges as that of a revitalising place. We witness the search for an idyllic space, the possibility of rebirth, of redemption (from the point of view of the individual and, in particular, of women, the first sinners), thus distancing itself from any ecological reading of a work that, in my view, operates exclusively around an elusive and mysterious point, determined by a specific pair of coordinates: love and horror.

The extremely fragile pieces by Ana + Betânia are particularly open to the vast field of post-feminism: the properties of ceramics and the way they are understood and manipulated reinforce the fragile, transitory and elusive nature of any approach to the female condition. They are a disconcerting mixture of love and horror, in which the machine

gun, the atomic mushroom cloud, the mass of worms, and the skeleton are transmuted into delicate compositions of porcelain flowers...

Allegories of a loving - and redemptive - approach to the horror caused by man, which manifests itself in the feminine and even defines it.

Allegories also of a femininity inevitably linked to death as the generator of life; to suffering instinctively cloaked in beauty; to a serpentine moisture and, naturally, to its never harmless position - nor exempt from apparent fragility and seduction - before man.

Javier Rubio Nomblot
(ABC Espanha)

O trabalho do duo formado por Ana Cruz e Maria de Betânia (1983) provoca múltiplas leituras. O apelo direto à técnica - esse domínio da arte da cerâmica na sua dimensão mais artesanal (aquela que sustenta o objeto decorativo clássico enquanto produto de um saber objetivo da prática, aqui evocado com uma ironia inquestionável) - permite-lhe renascer, redimir-se em obras de perversidade pura: o horror como centro de mesa florido. A cerâmica decorativa assume um novo significado, torna-se politicamente atualizada e as suas ligações ao trabalho artesanal - esse modelar meticuloso de milhares de pequenas pétalas e estames -, tradicionalmente delegado às mulheres, emergem com vigor renovado.

A ideia de natureza surge como a de um lugar revitalizador. Assistimos à procura de um espaço idílico, à possibilidade de renascimento, de redenção (do ponto de vista do indivíduo e, em particular, da mulher, a primeira pecadora), demarcando-se assim de qualquer leitura ecológica de uma obra que, no meu entender, opera exclusivamente em torno de um ponto esquivo e misterioso, determinado por um par específico de coordenadas: o amor e o horror.

As peças extremamente frágeis de Ana + Betânia situam-se numa posição particularmente aberta em relação ao vasto campo do pós-feminismo: as propriedades da cerâmica e a forma de a compreender e manipular reforçam o carácter frágil, transitório e fugidio de qualquer abordagem à condição feminina. Elas são uma desconcertante mistura de amor

e horror, na qual a metralhadora, o cogumelo atômico, a massa de vermes, o esqueleto se transmutam em delicadas composições de flores de porcelana... Alegorias de uma aproximação amorosa - e redentora - ao horror - causado pelo homem - que se manifesta no feminino e até o define.

Alegorias também de uma feminilidade inevitavelmente ligada à morte como geradora de vida; a um sofrimento instintivamente revestido de beleza; a uma humidade serpenteante e, naturalmente, à sua posição nunca inofensiva - nem isenta de aparente fragilidade e sedução - perante o homem.

Javier Rubio Nomblot
(ABC Espanha)



REMINISCENCE | 2023

Materiais: grés, porcelana, óxidos e pigmentos cerâmicos,
vidrado, lustrina dourada
60×100×10cm



ERUPTION | 2018

Materiais: grés vermelho, óxidos, terra sigilatta, vidrado
grafite.
40×60cm



BREATHE | 2023
Materiais: grés, porcelana colorida, óxidos e pigmentos cerâmicos, vidrados
60×40×15cm

CARLOS ENXUTO

THE FORM, THE FIRE AND THE TIME OF CERAMICS

From an early age, Carlos Enxuto came into contact with the world of ceramics. As a young man, his impulse to create manifested itself through painting, drawing and sculpture.

In 1988, he began his training at Professional Training Centre for the Ceramic (CENCAL - Centro de Formação Profissional para a Indústria de Cerâmica), in Caldas da Rainha, a city recognised as one of the principal ceramic hubs in Portugal and today distinguished by UNESCO as a Creative City in the field of Crafts and Folk Art.

In 1989, he established his own studio and, the following year, was awarded the "Recovery of Traditional Forms" Prize at the Ceramics Design Competition of Caldas da Rainha (Concurso de Design Cerâmico das Caldas da Rainha) - the first of many distinctions that would mark his trajectory.

Throughout the 1990s and the early years of the new millennium, he dedicated himself intensively to teaching, research and experimentation across several domains of high-temperature ceramic production. Drawing from millenary techniques from both East and West, he combines his commitment to sculpture with a distinct personal language in which ceramics asserts itself as an artistic and poetic medium.

With thirty-five years of a career devoted entirely to ceramics, Carlos Enxuto has presented dozens of solo and group exhibitions in Portugal and abroad. In 2021, he received an award at International Biennial of Artistic Ceramics of Aveiro (Bienal Internacional de Cerâmica Artística de Aveiro), and is currently a member of International Academy of Ceramics ((Academia Internacional de Cerâmica - AIC), a distinction that reflects the reach and consistency of his work.

Speaking about the pieces presented in this exhibition, the artist states:

"Looking back on my journey and on the discovery of the ceramic object, I arrive at the box in which the story of whoever worked the block of stoneware is told - through my plastic intervention - to those who know how to look.

On the exterior, the glaze that covers it allows one to read every scar left in the clay by the hands of Man and of Nature; on the interior, the act of hollowing out the block refers to the concept of the container, where - since man has known the word 'secret' - he keeps the stories that it may, or may not, reveal.

Porcelain appears in a journey in timeline, showing its force as a material that travels a black river. Might that be its story, made of multiple paths, points of pause and of return?

Is that black river the space or the void that receives it? Or is it perhaps the symbiosis between the two - black & white - the path to balance?"

A FORMA, O FOGO E O TEMPO DA CERÂMICA

Desde muito cedo, **Carlos Enxuto** teve contacto com o universo da cerâmica. Ainda jovem, a sua vontade de criar revelou-se através da pintura, do desenho e da escultura.

Em 1988, iniciou a sua formação no CENCAL – Centro de Formação Profissional para a Indústria de Cerâmica, nas Caldas da Rainha - cidade reconhecida como um dos principais polos cerâmicos portugueses e hoje distinguida pela UNESCO como Cidade Criativa no domínio do Artesanato e da Arte Popular.

Em 1989, estabeleceu o seu próprio espaço de trabalho e, no ano seguinte, foi distinguido com o Prémio “Recuperação de Formas Tradicionais” no Concurso de Design Cerâmico das Caldas da Rainha - o primeiro de muitos reconhecimentos que viriam a marcar o seu percurso.

Durante a década de 1990 e o início do novo milénio, dedicou-se intensamente ao ensino, à investigação e à experimentação em diversos campos da produção cerâmica a altas temperaturas. Inspirado por técnicas milenares do Oriente e do Ocidente, associa à sua paixão pela escultura uma linguagem profundamente pessoal, em que a cerâmica se afirma como meio artístico e poético.

Com 35 anos de carreira inteiramente dedicada à cerâmica, Carlos Enxuto soma dezenas de

exposições individuais e coletivas, tanto em Portugal como no estrangeiro.

Em 2021, foi premiado na Bienal Internacional de Cerâmica Artística de Aveiro, e é atualmente membro da Academia Internacional de Cerâmica (AIC), reconhecimento que reflete o alcance e a consistência da sua obra.

Ao falar sobre as peças apresentadas nesta mostra, o artista partilha:

“Recuando na minha viagem e descoberta do objeto cerâmico, encontro a caixa onde a história de quem trabalhou o bloco de grés é contada, através da minha intervenção plástica, a quem souber observar. No exterior, o vidrado que a cobre permite a leitura de cada cicatriz deixada no barro pelas mãos do Homem e da Natureza; no interior, o escavar do bloco remete para o conceito de contentor, onde, desde que o homem conhece a palavra segredo, guarda as histórias que ela nos pode - ou não - revelar.

A porcelana surge numa viagem em *Timeline*, mostrando a sua força enquanto matéria que percorre um rio negro. Será essa a sua história, feita de caminhos vários, pontos de paragem e recomeços?

Será esse rio negro o espaço ou o vazio que a acolhe? Ou será, talvez, a simbiose entre ambos - *black & white* - o caminho para o equilíbrio?”



O CAMINHO | 2025

Materiais: pasta de porcelana, vidrados de alto fogo mate e cobalto, placa de madeira reciclada
250x28x10cm



CAIXAS | 2021
Materiais: pasta de grés, vidrados de cinzas no interior das caixas, placa de madeira
100x37x20cm

HEITOR FIGUEIREDO

THE IMAGINATION AND COLOUR OF CERAMICS

Architectures of dream, devices, poetic constructions born of clay and imagination - such is the ceramic universe of Heitor Figueiredo. His work is built of balance and stillness, of sobriety and intensity, of fidelity to a personal language that inhabits the space between the real and the imaginary. In his studio in Cabeça Gorda, near Beja, the artist lives and works as if in retreat, where time appears to suspend so that clay may find its voice.

This is not a child's game, nor toys shaped for the pleasure of curious hands. His pieces are rigorously and deeply conceived constructions - forms that follow the pathways of his thought and the rhythm of his gesture. For there is no art without thought, and there is no ceramics without the lucidity of the ideas that sustain it.

To be a ceramist is to practise a demanding craft. It requires technical mastery, knowledge of materials and their caprices, and, above all, the capacity to translate artisanal skill into poetic expression. Heitor Figueiredo works with clay and fire, with colour and heat, with space and movement, with light and form. Everything in his practice is sculptural matter, yet here creation occurs by addition - layer upon layer - as if building a world out of earth.

As sculptor Noémia Cruz has written: "a delight

to the eye, to the senses. Heitor Figueiredo transports us to a world of fantasy - we travel in coloured trains to cities with buildings of such diverse forms and colours that we imagine ourselves inside a rainbow, seeing everything around us with the eyes of a child, ready for the game of make-believe."

The image is exact: Figueiredo's ceramics are composed of fragments of an immense rainbow from which worlds emerge for those who dream - places of innocence, tenderness and sensibility, where imagination becomes essence.

Heitor Ermida da Costa Figueiredo, born in Braga (1952), trained at the School of Fine Arts in Porto (Escola de Belas Artes) and deepened his knowledge of ceramics with internationally recognised masters such as Arcadio Blasco, Emidio Galassi, Nina Hole, Claus Hansen, among others.

Throughout his career, he has participated in meetings, workshops and symposia dedicated to sculpture and contemporary ceramics, constructing a coherent and profoundly personal body of work - a territory where clay becomes colour, gesture and dream. His work reminds us that other worlds are possible within this one: fertile, imaginative and poetic worlds, made of simplicity and purity - of clay and of light, of hands and of spirit.

EL PUNTO DE LAS ARTES, 2005

A IMAGINAÇÃO E A COR DA CERÂMICA

Arquiteturas de sonho, engenhos, construções poéticas que nascem do barro e da imaginação - assim se pode descrever o universo cerâmico de Heitor Figueiredo.

O seu trabalho é feito de equilíbrio e silêncio, de sobriedade e intensidade, de fidelidade a uma linguagem própria que habita entre o real e o imaginário. No seu ateliê de Cabeça Gorda, perto de Beja, o artista vive e cria como num retiro, onde o tempo parece deter-se para que o barro encontre a sua voz.

Não se trata de um jogo infantil, nem de brinquedos moldados para o prazer das mãos curiosas. As suas peças são construções rigorosas e profundamente pensadas - formas que seguem os caminhos do seu pensamento e o ritmo do seu gesto.

Porque não há arte sem pensamento, e não há cerâmica sem a lucidez das ideias que a sustentam.

Ser ceramista é um ofício exigente. Requer domínio técnico, conhecimento das matérias e dos seus caprichos, e, sobretudo, a capacidade de transformar o saber artesanal em expressão poética. Heitor Figueiredo trabalha com o barro e o fogo, com a cor e o calor, com o espaço e o movimento, com a luz e a forma. Tudo nele é matéria escultórica, mas aqui a criação acontece por adição - camada sobre camada - como quem constrói um mundo a partir da terra.

Como escreveu a escultora Noémia Cruz, “um gozo

para os olhos, para os sentidos. Heitor Figueiredo transporta-nos para um mundo de fantasia — viajamos em comboios coloridos para cidades com edifícios de formas e cores tão diversas que nos imaginamos dentro de um arco-íris, vendo tudo à nossa volta com olhos de criança, prontos para o jogo do faz-de-conta.”

Essa imagem é perfeita: a cerâmica de Figueiredo é feita de fragmentos de um arco-íris imenso, de onde brotam mundos para os seres que sonham - lugares de inocência, de ternura e de sensibilidade, onde a imaginação se torna essência.

Heitor Ermida da Costa Figueiredo, natural de Braga (1952), formou-se na Escola de Belas-Artes do Porto e aprofundou o seu conhecimento da cerâmica com mestres de renome internacional, como Arcadio Blasco, Emidio Galassi, Nina Hole, Claus Hansen, entre outros.

Ao longo do seu percurso, participou em encontros, oficinas e simpósios dedicados à escultura e à cerâmica contemporânea, construindo uma obra coerente e profundamente pessoal - um território onde o barro se transforma em cor, em gesto, em sonho. O seu trabalho recorda-nos que outros mundos são possíveis dentro deste: mundos férteis, imaginativos e poéticos, feitos de simplicidade e de pureza - de barro e de luz, de mãos e de alma.

EL PUNTO DE LAS ARTES, 2005



HAND MADE | 2023

Materiais: barro vermelho de Montemor e arame
50x35x8cm



HAND MADE | 2023

Materiais: barro vermelho de Montemor e tronco de madeira
57x26x10cm



LIGAÇÃO À TERRA | 2017
 Materiais: grés, vidrados e madeira
 120x22x22cm



QUANDO FOR XL | 2025
 Materiais: barro vermelho da Asseiceira, madeira e arame
 69x50cm

JOÃO CARQUEJEIRO

In this group exhibition, which brings together nine internationally renowned ceramists, João Carquejeiro presents three large-scale sculptures that reaffirm the singular strength of his trajectory. Within his extensive body of work, the choice of blended clays and fused slate is not merely technical - it is poetic. These are materials that disclose the alchemy that defines his practice: the transformation of matter into form, of earth into language, with the silent force of one who has mastered the indomitable - fire.

João Carquejeiro continues to claim a distinct position within ceramic sculpture, where aesthetic formalism is allied with experimentation and with the maturity of one who knows the limits and possibilities of the medium from within. Once again, the works presented here do not represent - they evoke. They generate conditions for contemplation, in which the viewer is called not only to feel, but also to question and to interpret.

Cristina Leal
13.10.2025

Nesta exposição coletiva, que reúne nove ceramistas de renome internacional, João Carqueijeiro apresenta três esculturas de grande dimensão, as quais reafirmam a força singular do seu percurso.

Na sua vasta obra, a escolha das misturas de pastas e da ardósia fundida não é apenas de ordem técnica - é poética! São materiais que revelam a alquimia que define a sua obra: a transformação da matéria em forma, da terra em linguagem, com a força silenciosa de quem domina o indisciplinável – o fogo.

João Carqueijeiro continua a reclamar um espaço muito próprio dentro da escultura cerâmica, onde o formalismo estético se alia à experimentação e à maturidade de quem conhece profundamente os limites e as possibilidades do seu meio.

Mais uma vez, as suas obras que aqui se expõem não representam - evocam. Criam possibilidades de contemplação, onde o espectador é convocado a sentir, mas também a questionar e a interpretar.

Cristina Leal
13.10.2025

ENCONTROS IMPROVÁVEIS

Materiais: ardósia expandida e grés colorido
Medidas: 198x50x60cm



SOFIA BEÇA

THE POETICS OF MATTER

Sofia Beça (Porto, 1972) lives and works in her native city, where she pursues an intense and sustained practice in the field of contemporary ceramic sculpture. Her work occupies a territory of continual experimentation, where matter is transformed into poetic language and stoneware, shaped with refined sensitivity, asserts itself as both an expressive and conceptual vehicle.

A graduate of the Soares dos Reis School of Decorative Arts (Escola de Artes Decorativas Soares dos Reis), she completed the Technical and Professional Course in Ceramics in 1992 and went on to refine her practice with renowned masters such as Arcadio Blasco (Spain) and Emidio Galassi (Italy). Since then, she has built a singular artistic trajectory, defined by perseverance and by a vision profoundly attuned to the human condition, the body, the earth, and technical mastery.

Through a simple and ancient material such as stoneware, she recreates spaces that engage the senses and the imagination. Her sculptures and ceramic murals are invitations to tactile and visual contemplation, where texture, line, and compositional rhythm intertwine with delicate precision. Frequently using wood-fired kilns in Bragança, she embraces the unpredictable effects of fire, revealing organic, natural surfaces that evoke geological processes, cultural traces,

or the movements of a body in motion.

Since the late 1990s, she has exhibited her work in solo and group exhibitions at major institutions in Portugal and abroad. Her participation in international events - including biennials, symposia, and artist residencies - has brought Portuguese ceramics to countries such as Japan, South Korea, China, Argentina, France, Greece, Tunisia, Egypt, Germany, Austria, Hungary, Turkey, Denmark, Poland, Russia, Italy, Slovenia, and Latvia. Her work, recognised with several distinctions - among them the First Prize for Ceramic Mural in L'Alcora (Spain) - is represented in public and private collections in Germany, Japan, China, Austria, Switzerland, Brazil, and Hungary. Since 2012, she has been a member of the International Academy of Ceramics (Academia Internacional de Cerâmica – AIC), an organisation affiliated with UNESCO that honours artists of international significance within this medium.

Sofia Beça has also explored new directions through her work with porcelain, particularly in projects developed in China, demonstrating a constant openness to experimentation and to technical and cultural evolution.

The poetics of Sofia Beça's work emerges from the union of form, matter, and emotion. Each piece reflects on the fragility of existence and the beauty of simplicity. More than object, her sculpture becomes gesture and thought - a quiet celebration of art shaped by earth and spirit, affirming ceramics as a full and legitimate language within contemporary art.

A POÉTICA DA MATÉRIA

Sofia Beça (Porto, 1972) vive e trabalha na sua cidade natal, onde desenvolve uma intensa atividade no domínio da escultura cerâmica contemporânea. A sua obra inscreve-se num território de experimentação constante, onde a matéria se transforma em linguagem poética e onde o grés, trabalhado com apurada sensibilidade, se afirma como veículo expressivo e conceptual.

Formada na Escola de Artes Decorativas Soares dos Reis, em 1992, completou o Curso Técnico-Profissional de Cerâmica e aprofundou a sua prática com mestres de referência como Arcádio Blasco (Espanha) e Emidio Galassi (Itália). Desde então, construiu um percurso singular, pautado pela perseverança, uma visão artística profundamente ligada à condição humana, ao corpo, à terra e domínio técnico.

Através de um material simples e ancestral como o grés, recria espaços que capturam os sentidos e a imaginação. As suas esculturas e murais cerâmicos são convites à contemplação tátil e visual, onde a textura, a linha e o ritmo compositivo se entrelaçam com uma delicada precisão. Utilizando frequentemente cozedura em forno a lenha (em Bragança), valoriza os efeitos imprevisíveis do fogo, revelando superfícies orgânicas e naturais que evocam processos geológicos, vestígios culturais ou movimentos do corpo em deambulação.

Desde finais da década de 1990, apresenta o seu trabalho em exposições individuais e coletivas em instituições de relevo, tanto em Portugal como no estrangeiro. A sua presença em eventos internacionais

- como bienais, simpósios e residências artísticas - tem levado o nome da cerâmica portuguesa a países como Japão, Coreia do Sul, China, Argentina, França, Grécia, Tunísia, Egito, Alemanha, Áustria, Hungria, Turquia, Dinamarca, Polónia, Rússia, Itália, Eslovénia e Letónia.

A sua obra, reconhecida com diversos prémios, como o 1.º Prémio de Cerâmica Mural em L'Alcora (Espanha), integra coleções públicas e privadas em diversos países, incluindo Alemanha, Japão, China, Áustria, Suíça, Brasil e Hungria. Desde 2012, é membro da Academia Internacional de Cerâmica, entidade afiliada à UNESCO, que distingue artistas de relevância mundial nesta linguagem artística.

Sofia Beça tem também explorado novos caminhos através do trabalho com porcelana, especialmente em projetos desenvolvidos na China, revelando uma constante abertura à experimentação e à evolução técnica e cultural.

A poética da sua obra reside na união íntima entre forma e conteúdo, matéria e memória e emoção. Cada obra é o resultado de um processo profundamente refletido sobre a fragilidade da existência e a beleza da simplicidade. A sua escultura cerâmica é, assim, mais do que objeto: é gesto, superfície, pensamento - uma celebração silenciosa da arte feita com as mãos na terra e o espírito no mundo.

Simultaneamente, Sofia Beça tem sido uma voz ativa na valorização da escultura cerâmica como linguagem plena no contexto da arte contemporânea, lutando para que esta seja reconhecida com a mesma legitimidade e profundidade crítica que outras formas de expressão artística.



“O QUE PARA UNS É LIXO, PARA OUTROS É OURO” | 2024

Materiais: porcelana chinesa, decalques, fios e cetim
150x25x18cm



"PÉRGULA COM VISTA PARA O MAR" | 2022
Materiais: grés
27×40×21cm

STELA IVANOVA

THE WEIGHT OF WOVEN LIGHTNESS

I first encountered Stela Ivanova's work at the Museu de Olaria, seeing it across three distinct moments. Each time, I felt the same effect - a kind of abstract seduction that quietly captivated my gaze.

The gesture is always present - not as ornamental signature, but as the construction of an inner poem: line by line, plane by plane, cord by cord, mesh by mesh, the form emerges through the act of making. One senses there the weaving together of roots, of training, of an artistic journey built through layers and patience.

Like a weaver, Stela works each gesture, each line and thread of porcelain, with rare attentiveness and sensitivity - finding balance and dialogue between contrasting perceptual grammars: organic and geometric, fragile and strong, subtle and rough. Delicacy coexists with firmness; a fragile surface reveals the invisible structure that sustains it. Originality springs from imagined topographies and geographies, and from the echoes of objects drawn from everyday life. Finally, fire fixes the instant of these dialogues.

Rhythm and variation confirm the consistency of this sensitive language. The transparency of emptiness becomes substance; weight, paradoxically, becomes lightness - it is in this in-between

space that the work comes into being.

Form is born of making: structure weaves the skin, and the skin reveals the structure. This patient process leaves traces - signs of encounter between hand, matter, and fire.

What touches me most is the relationship with time. Each piece condenses the duration of its making: a gesture repeated, adjusted, listening to the material, until the fire stabilises the instant of dialogue.

It is not mechanical perfection - it is living precision, authentic and intentional, where controlled chance also composes.

I left the Museum with the feeling that these pieces are not merely to be looked at - they breathe with us and summon a tactile gaze. They emanate the desire to be touched, to be inhabited, within a space that, secretly, I drew within myself.

Sérgio Flávio

Designer and Professor @hereinnow

O PESO DA LEVEZA TECIDA

Conheci o trabalho de Stela Ivanova no Museu de Olaria e vi-o em três momentos diferentes. Em todos eles, senti o mesmo efeito e sensação de uma sedução abstrata que capturavam o meu olhar .

O “gesto” está sempre presente - não como assinatura ornamental, mas como construção de um poema que vem de dentro: linha a linha, plano a plano, corda a corda, malha a malha a forma nasce do fazer e percebe-se ali um cruzamento de raízes, de formação e de caminho artístico que se tece por camadas e paciência.

Como tecedeira, a Stela trabalha cada gesto, linhas e tramas em porcelana, com uma atenção e sensibilidade rara de um equilíbrio e diálogos de diferentes gramáticas da percepção e, por vezes, opostas: orgânico/geométrico, frágil/duro, subtil/áspero... a delicadeza que convive com a firmeza; a superfície frágil que revela a estrutura invisível que a sustém... A originalidade brota de topografias e geografias imaginárias e de ecos de objetos do nosso quotidiano. O fogo, no fim, fixa o instante desses diálogos.

O ritmo e a variação confirmam a consistência desta linguagem sensível. A transparência do vazio torna-se matéria; o peso, paradoxalmente, converte-se em leveza - é nesse entre lugares que a obra acontece.

A forma nasce do fazer: a estrutura tece a pele e a pele revela a estrutura. Esse trabalho paciente deixa vestígios do processo - sinais do encontro entre mão, matéria e fogo.

O que mais me toca é a relação com o tempo. Cada peça condensa a duração do processo: um gesto a repetir, ajustar, escutar a matéria, até que o fogo estabiliza o instante dos diálogos.

Não é a perfeição maquinal - é precisão viva, autêntica, onde o acaso controlado também compõe.

Saí do Museu com a sensação de que estas peças não se olham apenas - respiram connosco e convocam um olhar táctil. Emanam o desejo de lhes tocar e de as habitar, num cenário que, secretamente, desenhei por dentro.

Sérgio Flávio

Designer e Professor @hereinnow



KENAR | 2022

Materiais: porcelana, acrílico branco
44×50×3cm



DÍPTICO | 2025
Materiais: grés, porcelana, vidro
20×55×57cm

XANA MONTEIRO

There are now very few places in the world where black ceramic practice remains active. In Portugal, Molelos persists as one of the rare sites in which this ancient pottery tradition - with documented traces extending back to the Neolithic - is still maintained. In 1990, when Xana Monteiro settled there, only twelve people continued an activity that, in the early twentieth century, was sustained by a community of around one hundred potters [...]

Assuming the Molelos black-ceramic tradition as a foundational practice, Xana Monteiro articulates a grammar that advances in other directions, adopting a consciously contemporary position in which aesthetics - as inquiry and production of meaning - intersects with politics understood as thought and action in and upon communal life [...] The narrative dimension of this work is disclosed in the trajectories each piece proposes between its constituent elements; not as fixed or prescriptive itineraries but as open vectors of progression that accrue meaning to the composition, frequently through materials beyond ceramics itself: iron elements that generate units of sense and establish correlations within a single piece; or textile threads that install directionality - not necessarily singular, but clearly sequential [...]

References to ongoing environmental collapse and to the continuing discrimination against women appear in Monteiro's production not solely as denunciation but as inquiry - a refusal of the silence that has historically enabled phenomena

such as slavery (past and present), forced marriage of girls, female excision, or the depletion of the planet's natural resources [...]

Oscillating between, on the one hand, the utilitarian familiarity of pottery - often departing from traditional forms associated with gestures now lost - and, on the other, a critical extension through novel forms, heterogeneous materials and narratives unaligned with the potter's canon, Monteiro's work may be read in proximity to the notion of the "uncanny" invoked by E.T.A. Hoffmann in literature and later re-inscribed by Freud in psychoanalysis [...]

Within the same conceptual orbit - departing from what is familiar and utilitarian - the traditional "mole catchers" once made in Molelos (now replaced in agricultural contexts by zinc devices) emerge first as unequivocal references to use-value, and are then expanded towards other discursive fronts, including marriage as a social and socio-economic institution that has functioned historically as a mechanism of female oppression. In this movement of expansion - from the recognisable and utilitarian towards multiple interpretative trajectories - estrangement functions not as a barrier to dialogue but as a mode of critical reading and intervention in the world; perhaps the only viable mode in the face of questions that are intrinsically complex, unpredictable, and resistant to definitive resolution.

Excerpt from a text by Sara Figueiredo Costa,

2021

“Há poucos lugares no mundo onde a cerâmica negra ainda se pratique. Em Portugal, Molelos é um dos lugares que preserva essa antiquíssima tradição oleira, com vestígios documentados que remontam ao Neolítico. Em 1990, quando Xana Monteiro se instalou nessa localidade do concelho de Tondela, apenas doze pessoas davam continuidade a uma prática que ainda no início do século XX contava com uma comunidade de uma centena de oleiros [...] Assumindo a tradição da cerâmica negra de Molelos como prática fundacional, Xana Monteiro cria uma gramática que progride noutras direções, assumindo uma contemporaneidade comprometida onde se cruzam a estética enquanto questionamento e procura de respostas e a política assumida enquanto pensamento e ação sobre a vida em comunidade [...] A dimensão narrativa deste trabalho revela-se nos percursos que cada peça propõe entre os seus elementos, não como roteiros rígidos e impostos, mas como possibilidades de avanço que vão acrescentando significados à composição, muitas vezes através de outros materiais que não a cerâmica: aplicações em ferro que criam unidades de sentido e correlacionam elementos de uma mesma peça ou fios têxteis que imprimem uma direção, não necessariamente unívoca, mas claramente sequencial [...] As referências ao descalabro ambiental em curso ou à discriminação de que as mulheres continuam a ser alvo surgem na obra de Xana Monteiro como denúncia, mas sobretudo como questionamento, modo de procurar respostas e não mais assegurar o silêncio que permite situações como a escravatura - passa-

da e presente -, o casamento imposto às raparigas, a excisão feminina ou o esgotamento dos recursos naturais do planeta [...]

Num movimento que, ora convoca a familiaridade utilitária da olaria, tantas vezes partindo de formas tradicionais e associadas a gestos hoje perdidos, ora a questiona e amplia a partir de formas inovadoras, materiais díspares e narrativas em nada relacionadas com a tradição oleira, o trabalho de Xana Monteiro parece invocar o conceito de “estranhamento familiar” que E.T.A Hoffmann aplicou à literatura e mais tarde Freud resgatou para a psicanálise [...]

Num mesmo percurso de sentido, partindo do familiar e do utilitário, os “caça toupeiras” realizados em tempos pelos oleiros de Molelos, e hoje substituídos no contexto agrícola por instrumentos de zinco, surgem como referência unívoca ao seu papel utilitário, mas logo se expandem noutros sentidos, discutindo o casamento enquanto instituição social e socioeconómica que, ao longo da história, tem sido também mecanismo de opressão feminina. E nessa expansão que parte do que é familiar, utilitário e reconhecível, e se abre a múltiplos caminhos e sentidos, impõe-se o estranhamento, não como impossibilidade de estabelecer um diálogo, mas antes como modo de ler o mundo e nele intervir. Talvez o único modo possível, sem taxonomias fechadas nem resoluções cabais daquilo que é intrinsecamente complexo, imprevisível, enganador.”

*Excerto de texto de Sara Figueiredo Costa,
2021*

**DESUMANIZAÇÃO:
A FRIEZA DOS DEUSES** | 2025
Materiais: barro local,
fibras têxteis e ferro
500×500×220cm



DIÁLOGOS ENTRE BARRO E FOGO

ANA + BETÂNIA • CARLOS ENXUTO
HEITOR FIGUEIREDO • JOÃO CARQUEIJEIRO
SOFIA BEÇA • STELA IVANOVA
XANA MONTEIRO YOLA VALE



YOLA VALE

YOLA VALE: POETICS OF THE ELEMENTAL

When exhibited, the works of Yola Vale breathe within the space as though extracted from a primordial landscape. Each piece holds within it the murmur of Earth and the breath of Fire, presenting itself not merely as an object but as the vestige of an event that continues to vibrate. The clay, shaped by the artist's hands and transformed through heat and Air, records the traces of an experience that is both technical and poetic, becoming a sensitive skin where memories and reflections of the invisible are inscribed.

The surfaces unfold as unstable cartographies: tonalities shifting between opacity and sheen, textures that invite the hand to touch and the eye to linger. Within them lies a formal restraint - an almost ritual purification - that amplifies the intensity of the material. The artist's gesture does not seek complete control; rather, it creates conditions for Fire and chance to inscribe their own narrative. The result is a body of work that seems to arise directly from the Earth itself, as fragments of an archaic world transported into the present. In Vale's work, the four elements are not evoked metaphorically but made present: Earth giving body, Water shaping, Air enveloping, and finally Fire transforming.

Each piece is a small act of alchemy, where these four primordial elements intertwine to produce forms that oscillate between the organic and the mineral, the ritual and the sculptural. Before

them, the viewer experiences a sense of proximity to something elemental - something of their own essence - as if invited to return to a shared origin.

Silent and weighty, these works invite pause. They create within the exhibition space another kind of time - the slow time of clay hardening, of glaze fissuring, of fire leaving its irreversible trace. They demand contemplation - a gaze patient enough to lose itself in the accidents of the surface, as one might read the lines of an ancient skin.

From a curatorial perspective, Yola Vale's practice offers a meaningful contribution to rethinking the position of ceramics within contemporary artistic discourse. Her work demonstrates that ceramics can be read as sculpture, as sensory experience, and as a site of memory. In this sense, her pieces do not merely occupy space - they establish a sense of time: the time of their making, and the time of contemplation they require from the viewer.

Thus, Yola Vale's work situates itself within a critical territory in which ceramics emancipate themselves from a peripheral condition, asserting their place as a full and autonomous language within contemporary art.

César Correia

October 2025

YOLA VALE: POÉTICA DO ELEMENTAR

Os trabalhos de Yola Vale, quando em exposição, respiram no espaço como se tivessem sido extraídos de uma paisagem primordial. Cada obra guarda em si o murmúrio da Terra e o sopro do Fogo, apresentando-se não apenas como um objeto, mas como vestígio de um acontecimento que permanece em estado de vibração. O barro, trabalhado pelas mãos da artista e transformado pela temperatura e pelo Ar, regista as marcas de uma experiência que é ao mesmo tempo técnica e poética, tornando-se numa pele sensível onde se inscrevem memórias e críticas do invisível.

As superfícies revelam-se como cartografias mais ou menos instáveis: diferentes tonalidades que podem oscilar entre a opacidade e o brilho, texturas que convidam a mão ao toque e o espectador a um olhar atento. Há nelas uma contenção formal, uma depuração quase ritual, que amplifica a intensidade da matéria. O gesto da artista não procura o domínio completo, antes cria condições para que o Fogo e o acaso imprimam, também, a sua narrativa. O resultado são peças que parecem nascer da própria Terra, como fragmentos de um mundo arcaico transportados para o presente.

Nas obras de Vale, os quatro elementos não se evocam por metáfora, mas por presença: a Terra que dá corpo, a Água que molda, o Ar que envolve e, por fim, o Fogo que transforma.

Cada trabalho é uma pequena alquimia onde estes quatro elementos primordiais se entrelaçam para

produzir formas que oscilam entre o orgânico e o mineral, o ritual e o escultórico. O espectador, diante delas, experimenta uma sensação de proximidade com algo primordial, com algo da sua essência, como se fosse convidado a regressar a uma origem comum.

As peças, silenciosas e densas, convidam a uma pausa. Criam no espaço expositivo um outro tempo - o tempo lento da argila a endurecer, do esmalte a fissurar, do fogo a deixar a sua marca irreversível. São obras que pedem contemplação, que reclamam um olhar demorado capaz de se perder nos acidentes da superfície, como quem lê as linhas de uma pele antiga.

Do ponto de vista curatorial, a obra de Yola Vale oferece contributos relevantes para repensar a posição da cerâmica no discurso artístico atual. A sua prática demonstra que a cerâmica pode ser lida como escultura, como experiência sensorial e como lugar de memória. Nesse sentido, as suas peças não apenas ocupam espaço, mas instauram um tempo: o tempo do processo que as gerou e o tempo de contemplação que exigem ao espectador.

Assim, a obra de Yola Vale coloca-se num território crítico onde a cerâmica se emancipa de uma condição periférica, afirmando-se como linguagem plena no campo da arte contemporânea.

César Correia

Outubro 2025

OURO SOBRE AZUL 1 | 2025

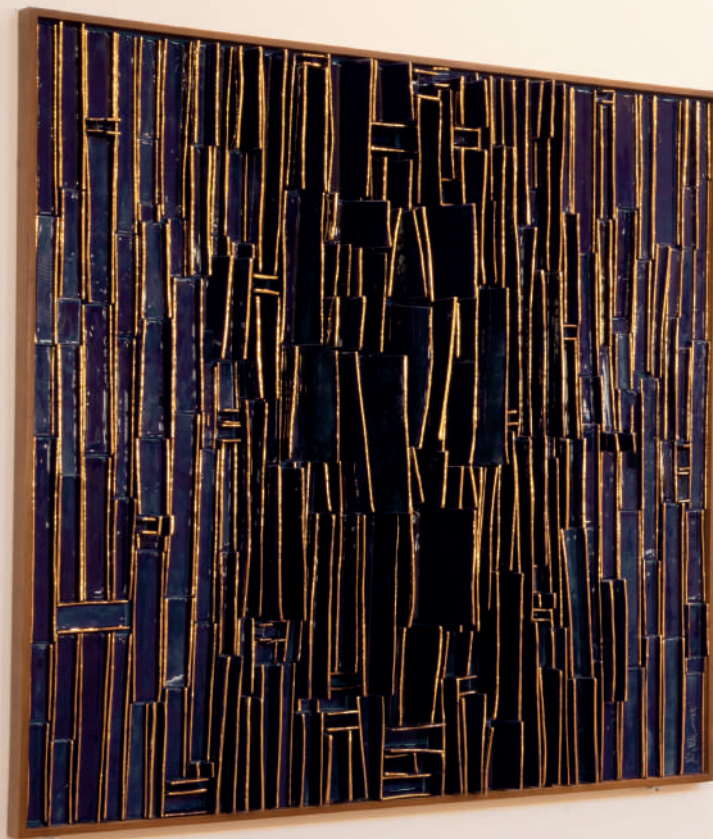
Materiais: grés, vidrado azul cobalto, ouro a 10%, moldura em madeira
103×102×12cm

OURO SOBRE AZUL 3 | 2025

Materiais: grés, vidrado azul cobalto, ouro a 10%, fio metálico dourado 100% nylon, fio norte, tubo metálico
145×50cm

OURO SOBRE AZUL 2 | 2025

Materiais: grés, vidrado azul cobalto, ouro a 10%, fio norte, tubo metálico
Medidas: 240×46cm





FICHA TÉCNICA

EXPOSIÇÃO

DIÁLOGOS ENTRE O BARRO E O FOGO

26 DE JULHO^{'25} | 11 DE JANEIRO^{'26}

SALA DA CAPELA DO MUSEU DE OLARIA

EDIÇÃO

MUNICÍPIO DE BARCELOS

TEXTOS

JAVIER RUBIO NOMBLOT

EL PUNTO DE LAS ARTES

CRISTINA LEAL

SOFIA BEÇA

SÉRGIO FLÁVIO

SARA FIGUEIREDO COSTA

CÉSAR CORREIA

CURADORIA

CLÁUDIA MILHAZES

BRUNO PEREIRA

KIRAN COSTA

MUNICÍPIO DE BARCELOS

DESIGN GRÁFICO

RAQUEL CARVALHO

MUNICÍPIO DE BARCELOS

FOTOGRAFIA

CARLOS ARAÚJO

MUNICÍPIO DE BARCELOS

IMPRESSÃO

PS PRINT UNIPESSOAL LDA

ISBN

978-989-8987-35-8

DEPÓSITO LEGAL

ANA+BETÂNIA

E-mail: anabetania.ceramica@gmail.com

Tel.: 919 143 333

CARLOS ENXUTO

E-mail: carlosenxutoceramics@gmail.com

Tel.: 962 332 756

HEITOR FIGUEIREDO

E-mail: heitorfigueiredo@yahoo.com

Tel.: 967 922 708

JOÃO CARQUEIJEIRO

E-mail: joaocarqueijeiro@gmail.com

Tel.: 936 878 779

SOFIA BEÇA

E-mail: sofiabeca@gmail.com

Tel.: 919 122 062

STELA IVANOVA

E-mail: stela.ivanova.007@gmail.com

Tel.: 925 846 796

XANA MONTEIRO

E-mail: lima.xana@sapo.pt

Tel.: 962 569 024

YOLA VALE

E-mail: info@yolavale.com

Tel.: 969 657 042



BARCELOS
MUNICÍPIO

MUSEU
OLARIA
BARCELOS

Barcelos
Cidade da
Indústria e
Inovação



Barcelos
CIDADE
EDUCADORA



A^I
C